



## DESMISTIFICANDO A METODOTOLOGIA ECLÉTICA DE DARRELL L. BOCK

### Demystifying Darrell L. Bock's eclectic methodology

Érica Guedes Rebouças\*

Carlos Alberto Bezerra\*\*



\* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Pós-graduando em Apologética pela FBC.



\*\* Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e mestre em Teologia pela FABAPAR. Docente da Faculdade Batista do Cariri.

Recebido em: 09/10/2020

Aprovado em: 17/12/2020

#### RESUMO:

A partir da importância hermenêutica e não consensual do fenômeno do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, o objetivo do trabalho foi apresentar a abordagem eclética “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes”, sugerida por Darrell L. Bock, a qual foi construída a partir de problemas levantados em pelo menos quatro áreas principais (dupla autoria, linguagem referente, progresso da revelação e diferença de textos) de um debate interativo entre quatro escolas emergentes na década de 80, e que foi aceita por alguns estudiosos ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Bock; Significado; Contexto; Referente.

#### ABSTRACT:

From the hermeneutic importance and not consensual of the phenomenon of use the Old Testament on New Testament, the article's purpose is show the eclectic approach "Single Meaning, Multiple Contexts and Referents", suggested by Darrell L. Bock, which was built from problems raised in at least four main areas (double authorship, reference language, revelation progress and difference of texts) from a interactive debate between four emerging schools in the 80's, and was accepted by some scholars.

**Key-words:** Bock; Meaning; Context; Referent.

## **INTRODUÇÃO**

A Bíblia é um documento complexo, e interpretá-la corretamente exige um profundo nível de engajamento e não poucos esforços, especialmente para aqueles que buscam entendê-la milhares de anos depois de seus livros terem sido escritos, e que, portanto, devem lutar contra a cultura, barreiras linguísticas e históricas à compreensão.

Dentro do estudo bíblico, uma das áreas mais fascinantes e complexas é pensar sobre o uso do Antigo Testamento (AT) no Novo Testamento (NT). Existe uma variedade de maneiras pelas quais o AT aparece no NT. Estudiosos evangélicos conseguem contabilizar centenas de aparições explícitas (citações) e milhares implícitas (alusões e eco). Dentre estas estão as profecias e seus cumprimentos, que também aparecem de maneiras distintas. Às vezes, o texto do AT apenas olha para o futuro, mas frequentemente Deus faz uma promessa e a reproduz primeiro em um evento correspondente na história contemporânea, de modo que a promessa se apresenta como um padrão da atividade de Deus na história, cujo cumprimento culmina apenas em Jesus Cristo. Portanto, as promessas de Deus constantemente funcionam ao longo da história, e não apenas em um momento do tempo. Tudo isso significa que há mais no estudo uso do AT no NT do que meramente alinhar os textos do AT com seus cumprimentos no NT.

Diante disso, a ênfase desse trabalho é apresentar, e fazer conhecida, a abordagem do uso do AT no NT de Darrell L. Bock, também chamada de “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes”, a qual o próprio autor resume a premissa chave nas afirmações de que Deus opera tanto em suas palavras quanto em eventos reveladores que também ajudam a elaborar Sua mensagem. Em outras palavras, o uso do AT no NT não é apenas sobre textos, mas sim sobre os atos reveladores de Deus. Os dois costumam se combinar, em predição e padrão, para mostrar o que Deus está fazendo na história por meio de palavras e ações.

Para isso, inicialmente, serão apresentadas algumas considerações básicas sobre o uso do AT no NT, incluindo a citação de uma série de trabalhos já existentes sobre o assunto. Depois disso, será exposta a construção da abordagem de Darrell L. Bock, que foi baseada no debate feito entre quatro escolas emergentes na década de 80, em que quatro grandes assuntos (dupla autoria, linguagem referente, progresso da revelação e diferenças de textos) foram destacados. A partir das contribuições advindas do debate

dessas visões e questões, criou-se a abordagem eclética, que ao longo dos anos parece receber relevante aceitação por parte de alguns estudiosos.

## **1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO ANTIGO NO NOVO TESTAMENTO**

No ano de 1960, a partir dos estudos de Kristeva (crítica literária francesa), surgiu um termo muito relevante chamado de intertextualidade. A formulação conceitual desse termo foi baseada na perspectiva do dialogismo (em que duas vozes participavam na produção de um texto) de Bakhtin aplicado ao texto. Ainda hoje, os críticos literários apresentam divergências para definição desse fenômeno, acarretando em inúmeras abordagens teórica na discussão do tema. Apesar disso, todas parecem convergir, em um aspecto fundamental, para o entendimento de um texto inserido em outro com a finalidade de modificá-lo de alguma forma e para alguma finalidade. Desse modo, os dois textos refletem tanto a fonte original como a nova situação

O fenômeno da intertextualidade aplicado a textos bíblicos é mais citado entre os estudiosos evangélicos como “Uso do Antigo Testamento (AT) no Novo Testamento (NT)”. É fácil perceber sua aparição em um estudo em que há necessidade da retomada de uma passagem do AT em um contexto do NT, considerando exatamente o desenvolvimento do diálogo entre o significado original (contexto do AT) e o novo significado (contexto do NT). (Osborne, 2009, p. 423)

Essas passagens do AT podem aparecer nos textos do NT de diversas maneiras. Beale (2014) traz as definições de três delas: citações, alusões e ecos. Primeiramente, no que diz respeito às citações, ele considera concordante entre os estudiosos, e por isso, afirma resumidamente que “A citação é uma reprodução direta de uma passagem do AT facilmente identificável por seu paralelismo vocabular claro e bem característico.”. Essas citações podem ser introduzidas com fórmulas do tipo “está escrito” (Mt 11:10), “para se cumprir a escritura” (Jo 19:36), “Pois a escritura declara” (1Tm 5:18). Entretanto, podem vir também sem fórmulas introdutórias e explicitamente carregadas de textos do AT (Gl 3:6; Ef 6:3). (Beale, 2014, p. 53)

Posteriormente, com relação à distinção de alusão e eco, Beale (2014) destaca a ampla divergência entre os estudiosos. Alguns, por vezes, consideram alusão e eco iguais, já outros não. Segundo o autor, alusão pode ser definida como “[...] uma expressão breve

deliberadamente pretendida pelo autor para ser dependente de uma passagem do AT. Diferentemente de uma citação do AT, que é uma referência direta, a alusão é indireta”. Na alusão pode haver concordância vocabular com o texto anterior, bem como, remeter-se a ideias de um texto anterior de um modo menos intensificado. A definição de “eco” é apresentada da seguinte forma:

[...] o eco é apenas uma referência sutil ao AT não tão clara quanto a alusão. Outra forma de dizer isso é que o eco é uma alusão possivelmente dependente de um texto veterotestamentário, não de uma referência provável ou claramente dependente. (Beale, 2014, p. 56).

O uso do AT no NT é um dos aspectos mais complexos da interpretação bíblica. Quando se lê o NT, fica-se impressionado com a quantidade de citações ou alusões ao AT. Vinte e três dos vinte e sete livros do Novo Testamento citam o Antigo. Essa utilização tão ampla do AT mostra claramente a relação orgânica entre os dois Testamentos, o que impossibilita a interpretação do NT sem considerar o AT. (Zuck, 1994 p. 290, 292)

Diante da importância e complexidade do tema, nas últimas décadas, esse assunto tem sido discutido e debatido por vários estudiosos, e toda essa investigação tem resultado várias especulações para o seguinte questionamento: como os escritores do NT fizeram uso do AT? Alguns artigos e livros resumiram diferentes visões desse fenômeno linguístico aplicado as Escrituras, possibilitando a comparação conjunta entre as diferentes visões hermenêuticas.

Em 1985, Darrell Bock publicou um artigo em duas partes, “*Evangélicos e o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*”. Nesse trabalho, ele fez um resumo conciso de quatro abordagens sobre o assunto e listou os principais representantes de cada uma (Walter C. Kaiser Jr.; S. Lewis Johnson, James I. Packer, Elliot E. Johnson; Earle E. Ellis, Richard Longenecker, Walter Dunnett; Bruce K. Waltke), selecionando os pontos positivos e corrigindo os negativos para sugerir uma abordagem eclética.

Em 1986, Douglas Moo examinou em seu artigo, “*O Problema do Sensus Plenior*”, questões como métodos exegéticos judaicos, *Sensus Plenior* e a abordagem canônica. Robert L. Thomas, em seu artigo publicado em 2002, comparou diferentes visões oferecendo uma abordagem própria - Inspirado na Abordagem *Sensus Plenior* (ISPA) – diferente das outras opções.

Em 2008, os editores Kenneth Berding e Jonathan Lunde contribuíram para a pesquisa com o livro “*Três visões sobre o uso do Novo Testamento no Antigo Testamento*”, apresentando três diferentes perspectivas defendidas pelos seus principais representantes (Walter C. Kaiser Jr., Darrell L. Bock e Peter Enns, respectivamente, Único Significado e Referentes Unificados, Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes, Múltiplos Significados, Único Objetivo). Essa obra foi bastante significativa, pois foi a primeira em que houve apresentação e defesa de opiniões acadêmicas divergentes dentro desse tema. A estruturação do debate seguiu na apresentação de cinco questões-chave para o uso do AT no NT: a coerência do *Sensus Plenior*, o entendimento da tipologia, o uso do contexto do AT pelos escritores do NT, o significado dos métodos exegéticos judaicos para explicar o uso AT no NT e a possibilidade dos leitores atuais replicar as abordagens exegéticas e hermenêuticas dos escritores do NT.

Em 2009, Rynold Dean ponderou seis visões do uso do AT no NT, incluindo as quatro abordagens listadas por Bock (em 1985) e a proposta ISPA de Thomas (em 2002). Esse trabalho foi guiado por três conceitos que formaram tanto biblicamente quanto historicamente os fundamentos para a hermenêutica cristã – contexto, significado e inspiração. Dean desafiou o leitor a examinar as abordagens da atualidade à luz desses três conceitos para determinar qual se alinha melhor com o testemunho bíblico e o registro histórico cristão.

Em 2014, G. K. Beale e D. A. Carson organizaram uma obra útil (construída por vários colaboradores) em torno da questão do uso do AT no NT, “Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento”, direcionando a atenção especificamente às citações e às alusões do AT no NT. As seguintes questões foram propostas aos articulistas na obra: 1. Em que contexto do NT aparece a citação ou alusão? Sem entrar nos detalhes da exegese, o colaborador procura estabelecer o tema tratado, o fluxo das ideias e, sempre que pertinente, a estrutura literária, o gênero e a retórica da passagem; 2. De que contexto do AT a citação ou alusão é extraída? 3. Que tratamento é dado à citação ou fonte veterotestamentária na literatura do judaísmo do Segundo Templo ou do judaísmo antigo? 4. Que fatores textuais devem ser considerados quando se procura compreender determinada utilização do AT? Estaria o NT citando o TM, a LXX ou um targum? Ou será que a citação contém uma mistura de fontes, ou talvez ainda uma influência da memória ou de alguma forma de texto que não conhecemos? 5. Tentar entender como o

NT está usando o AT ou recorrendo a ele. Que ligação está sendo considerada pelo autor do NT? Seria apenas um vínculo linguístico? 6. Que aplicação teológica o autor do NT faz da citação do AT ou da alusão a ele?

Posteriormente, ainda em 2014, Beale publicou o “Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação”. Esse trabalho abordou vários tópicos relacionados ao uso do AT no NT, incluindo uma abordagem própria para entender essa questão.

Em 2017, Michael J. Vlach lançou um livreto digital, no qual foram oferecidos resumos das principais posições concernentes ao uso do AT pelo NT. Baseado nas obras já escritas e em algumas ideias pessoais, o autor estruturou a obra da seguinte forma: (1) resumo da abordagem; (2) objeções e perguntas para cada visão; (3) casos, colando em prática e comparando as várias posições; (4) sugestões de orientação com relação as pesquisas na área. As últimas décadas, e os últimos dez anos em particular, trouxeram discussões úteis para o tema em questão.

O grande número de sugestões de soluções diferentes para o problema torna o assunto ainda não concordante entre os estudiosos, e por isso, atualmente, ainda não há consenso sobre uma abordagem apropriada. Doravante, o artigo ressaltará a construção da abordagem de Darrell L. Bock, que se apresenta dentro do debate com uma relevante aceitação.

## **2 - CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM DE DARRELL L. BOCK**

Em 1985, Bock publicou dois artigos com o objetivo de discutir questões hermenêuticas que foram levantadas sobre o assunto do uso do AT no NT. No primeiro trabalho, ele descreveu 4 visões (emergentes na época), definindo as perspectivas de cada uma. E no segundo trabalho, trouxe à tona 4 questões principais, avaliando os pontos fracos e fortes que cada escola precisava lidar.

### **2.1 Debate entre 4 “escolas”**

Antes de adentrar nas descrições de cada uma das visões, Bock destaca que elas concordam em um ponto fundamental na discussão desse assunto: reconhecem que o caminho para discutir esse fenômeno não é a partir de um modelo somente profético, no

qual se analisa linearmente a passagem do AT em seu contexto e simplesmente adere diretamente ao seu cumprimento no NT, desconsiderando a situação histórica da passagem anterior. Com isso em mente, ele segue para as descrições das visões. (Bock, 1985a, p. 210)

### 2.1.1 A Escola de Intenção Humana Plena (Walter Kaiser Jr.)

O argumento básico dessa escola é sustentado na validação de uma hermenêutica em que deve haver uma participação da intenção do autor humano no significado de todas as afirmações do AT. Ou seja, os profetas do AT são reconhecidos de terem uma compreensão ampla do que é transmitindo por eles. A escola rejeita qualquer independência da intenção no significado entre os autores divino e humano, entretanto, ela reconhece que Deus tem melhor conhecimento do significado pleno de determinada sentença profética. (Bock, 1985a, p. 211)

O principal representante desse pensamento hermenêutico é Walter C. Kaiser Jr., que assumidamente foi influenciado por Bishop J. C. Ryle. Em seu livro, Vlach (2017) faz uma citação de Ryle, que expressa a crença dele em um significado único das Escrituras: “[...]sustento que as palavras da Escritura tinham a intenção de ter um sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deveria ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele.” Em relação a essa citação, Kaiser comenta em “*Três visões sobre o uso do Novo Testamento no Antigo Testamento*” (2008, p.46), que esse se tornou o seu padrão pessoal de interpretação. E não só isso, mas essa é uma visão que ele procura convencer outros cristãos a aderir. Segundo Bock (1985a), outro influenciador de Kaiser foi Beecher, conhecido pela chamada “predição genérica”:

Uma predição genérica é aquela que considera um evento ocorrendo em uma série de partes separadas por intervalos e se expressa na linguagem podendo ser aplicada, indiferentemente, na parte mais próxima, ou na parte mais remota ou ainda no todo – em outras palavras, a predição que, ao se aplicar ao todo de um evento complexo, também se aplicada à algumas de suas partes.

A ideia fundamental aqui é que algumas profecias são consideradas como um evento ocorrendo em uma série de partes separadas por intervalos. Kaiser se apropria dessa ideia para fundamentar que um evento profético é uma unidade composta por várias partes que culminam em um cumprimento final. Todo esse conjunto tem apenas uma



ideia, mas pode ser distribuído em vários acontecimentos ao longo da história de acordo com o plano de Deus. Portanto, o autor humano pode pretender, em uma mensagem, se dirigir a dois ou mais públicos ao mesmo tempo e ter em vista dois ou mais eventos ao mesmo tempo. É importante reconhecer que, para Kaiser, promessa genérica não é igual a tipologia, uma distinção que outros talvez não façam. Kaiser vê a tipologia como um fenômeno não profético e análogo. (Bock, 1985a, p. 212)

Em suma, o distintivo dessa visão crer que a profecia tem um significado único, e que o autor veterotestamentário tinha ciência de todas as etapas, como parte de sua própria intenção e compreensão. O fator desconhecido pelo profeta é justamente o tempo que ocorrerão todas as etapas e o cumprimento final da profecia.

### *2.1.2 A Escola das Palavras de Divina Intenção Humana (S. Lewis Johnson, James I. Packer, Elliot E. Johnson)*

O pensamento enfático dessa escola é que as passagens proféticas se baseiam nas palavras do autor humano, mas que esse autor humano nem sempre tinha a intenção e compreensão plena do referente profético, enquanto Deus a tinha. Ou seja, em um sentido real, Deus falava através das palavras dos profetas.

Os que aderem a essa visão usam diferentes termos para descrever como essa distinção é feita e mantida: S. Lewis Johnson e James I. Packer referem-se a “*sensus plenior*”, e Elliot E. Johnson prefere o termo “*references plenior*”. Entretanto esses estudiosos expressam basicamente a mesma ideia de que há diferença entre as intenções do autor humano e de Deus, mas há conexão entre as palavras e significado entre eles, impossibilitando que o cumprimento final atribua ao texto do AT um significado estranho.

Lewis e Elliot Johnson concordam com o pensamento de que o significado deve ser localizado no que o autor pretendia, uma vez que esse seja o que foi pretendido pelo próprio Deus. Além disso, eles ressaltam que a vontade autoral de Deus vai além da vontade autoral humana, principalmente quando se há pouca revelação ao longo da história. (Bock, 1985a, p. 213)

Um contraponto que pode surgir contra essa escola é a acusação de falta de justificativa para explicar claramente o que Deus sabe e o que um autor humano não sabe



diante de um cumprimento. Em resposta a esse possível problema, Bock (1985a) traz uma citação de Lewis Jonhson que corrobora com o pensamento de Packer, conceituando o “*sensus plenior*” da seguinte forma:

[...] o significado e a mensagem de Deus através de cada passagem, quando definida em seu contexto bíblico, excede o que o autor humano tinha em mente, e esse significado adicional é apenas uma extensão e desenvolvimento do seu (isto é, do significado do autor humano), implicando em um estabelecimento de relações entre as palavras de um e do outro, talvez mais tarde, em declarações bíblicas de uma forma que o próprio escritor, na natureza do caso, (ou seja, por causa dos limites do progresso da revelação até aquele ponto), não poderia fazer. [...] A questão aqui é que o *sensus plenior* que os textos adquirem em seu contexto bíblico mais amplo permanece como uma extrapolação sobre o plano gramático-histórico, não uma nova projeção no plano da alegoria. E, embora Deus possa ter mais para nos dizer de cada texto do que seu autor humano tinha em mente, o significado de Deus nunca é menos que o dele. O que ele quer dizer, Deus quer dizer.

Elliot enfatiza uma questão semântica muito importante, percebendo a distinção entre sentido e referente. Com relação a "sentido", ele afirma que está relacionado ao significado verbal da linguagem expressa no texto independentemente do referente, ou seja, envolve a definição de um termo, e não a que o termo se refere. Já "referente", indica que a partir do significado é possível especificar a que este está fazendo referência. Em outras palavras, há uma diferença entre o que está descrito ou significa (sentido) e para quem ou o que se refere (referente). Por isso, para Elliot a designação de “*references plenior*” é mais acurada do que “*sensus plenior*”. Defendendo essa ideia ele citou que a intenção do autor expressa um único sentido textual que define o todo. Esse único sentido é capaz de implicar em um referente pleno, e que isso não é um *sensus plenior*. (Bock, 1985a, p. 214).

Diferentemente da visão de Kaiser, essa escola acredita que a tipologia é profética, pois o padrão da atividade de Deus é projetado por Deus para ser repetitivo e as correspondências são identificáveis a partir de detalhes no texto do AT. Além disso, essa escola recusa a total identificação da intenção humana com a intenção divina, como Kaiser faz. Em suma, o principal distintivo dessa escola é a defesa de uma distinção entre a intenção do autor humano e a intenção de Deus, enquanto tenta manter uma conexão entre o significado que ambos expressam nas palavras do texto. (Bock, 1985a, p. 215, 216).

*2.1.3 A Escola do Progresso Histórico da Revelação e da Hermenêutica Judaica ((Earle E. Ellis, Richard Longenecker, Walter Dunnett)*

A principal característica dessa escola é o uso de fontes históricas para a interpretação da relação entre os dois testamentos. Em outras palavras, essa escola apresenta o uso do AT no NT como um reflexo do progresso da revelação de Jesus a partir de métodos da hermenêutica judaica do primeiro século (como *midrash e pesher*).

Longenecker, um dos que aderem essa visão, argumentou que as raízes judaicas do cristianismo aumentam a probabilidade de semelhanças entre os procedimentos exegéticos do NT e do judaísmo contemporâneo. Além disso, ele comenta que os escritores do NT não colocaram o AT em prova, nem distorceram o texto antigo. Pelo contrário, os autores do NT fizeram uso das técnicas exegéticas judaicas para conseguir uma boa perspectiva, pois eles viam os eventos e declaravam o cumprimento do que havia sido revelado no AT, uma recordação do tratamento *pesher* em Qumran. (Bock, 1985a, p. 216).

Em resposta a isso, Bock (1985a) comenta que apesar desses tratamentos não se enquadrarem na exegese histórico-gramatical atual, era a maneira básica e legítima de leitura do AT no primeiro século. Muitas vezes, um elemento importante na manipulação *pesher* do texto é a reformulação da passagem do AT para que se aproxime mais da situação do NT à luz de maior compreensão bíblica e teológica. Pode-se ver prontamente a ênfase histórica no argumento desta escola. Também é frequentemente feito apelo ao *Sensus Plenior* como forma de descrever estes fenômenos. Como forma de resumir e entender melhor a abordagem dessa escola, duas citações de Longenecker são importantes.

É surpreendente descobrir que a exegese do Novo Testamento é fortemente dependente de precedentes processos judaicos, pois, teoricamente, seria de se esperar uma redenção divina que é trabalhada nas categorias de uma história particular...[e] para se expressar em termo de conceitos e métodos de uma pessoa e dia determinados. E isso é, como nós temos tentado mostrar, que o que de fato foi feito - cuja apreciação lança uma grande luz sobre a metodologia exegética do Novo Testamento. Mas o contexto judaico no qual o Novo Testamento nasceu, por mais significativo que tenha sido, não é distintivo ou formativo na exegese dos primeiros crentes. No coração e sua interpretação bíblica é uma Cristologia e uma perspectiva Cristológica. (Bock, 1985a, p. 217).

Longenecker também escreve:

Bock conclui que essa visão apresenta duas características negativas: faz considerações relevantes de paralelos históricos fora do cristianismo e diminui o conhecimento de profecia na ênfase somente dos cumprimentos, desconsiderando o momento da revelação original. Mais uma vez, o distintivo desta escola é sua tentativa de ser historicamente sensível aos fatores que operaram na interpretação das Escrituras no primeiro século. (Bock, 1985a, p. 218).

#### 2.1.4 A Escola de Abordagem Canônica e de Prioridade do Novo Testamento (Bruce K. Waltke)

Essa escola é definida, segundo Waltke, por abordagem de processo canônico. Ou seja, da mesma forma que a redenção tem uma história progressiva, ele reconhece que a intenção dos textos mais antigos sofre percepção correlativa de significado tornando-se mais claros à medida que há expansão da literatura canônica. (Bock, 1985a, p. 219)

Além disso, Waltke afirma que sua abordagem é diferente do *Sensus Plenior*, que “ganha” novos significados do texto e vê os escritores do Novo Testamento como “sobrenaturalmente” descobrindo o sentido mais completo, pois ele acredita que há unidade entre a linguagem ideal dos autores do AT e a intenção de Deus. Para ele, a revelação progressiva deixou mais clara a forma exata do ideal, que sempre esteve presente na visão. (Bock, 1985a, p. 219)

É possível perceber uma aproximação de Waltke com Kaiser, uma vez que ambos negam o *Sensus Plenior*. Entretanto, eles lidam de forma diferente com a revelação posterior em relação à revelação anterior. Waltke considera essa relação, enquanto Kaiser se recusa a referir-se à revelação subsequente como relevante para esta discussão. Isso acaba tornando a visão de Waltke semelhante a de Longenecker com distinção na ampla aplicação deste método e na afirmação da unidade de intenção autoral. Bock (1985a) traz a citação de uma ilustração para facilitar o entendimento dessa abordagem:

Se o Senhor Jesus Cristo e sua igreja cumprem as promessas do Antigo Testamento, como o Novo Testamento afirma (Atos 3:24-25), então, aquelas promessas expressas em termos apropriado para a forma terrena do reino de Deus na velha dispensação, encontra seu cumprimento literal na forma espiritual do reino na nova dispensação. Então, se Salmo 2:7 refere-se a Jesus Cristo em sua primeira vinda, assim também a referência ao Salmo 2:6 e Monte Sião não se refere a um local na Palestina; mas antes se refere ao Monte Sião celestial e Cristo tomando posse das nações.

Em outras palavras, pela posição de Waltke entende-se que todo o AT deve ser relido à luz do NT, ou seja, a expressão original de significado dentro da passagem do AT é substituída e redefinida pelo NT através de uma mudança de referentes terrestres para celestiais, como por exemplo, em sua compreensão do Salmo 2. Bock sintetiza que essa mudança indiscriminada de referentes com a exclusão do original sentido é na verdade uma mudança de significado. (Bock, 1985a, p. 220).

## **2.2 - Debate de 4 questões**

Anteriormente foram apresentadas 4 escolas de diferentes abordagens com relação ao uso do AT no NT, e um debate foi realizado entre elas. Nessa interação, Bock observou 4 pontos de tensão que foram levantados: dupla autoria, linguagem referente, progresso da revelação e o problema dos diferentes textos usados nas citações do AT por seu cumprimento no NT.

### *2.2.1 Dupla Autoria*

Bock afirma que uma questão básica a ser considerada é da dupla autoria. Para Kaiser e também, ao que parece, para Waltke, Deus não pode ter uma intenção mais completa do que o autor humano em determinada passagem, ou seja, o que o profeta pretendia era o que Deus pretendia, sem acréscimos. Entretanto, esses autores acreditam que Deus pode ter um maior entendimento sobre a intenção da passagem, uma vez que, obrigatoriamente, o profeta compreendesse a intenção de Deus. (Bock, 1985b, p. 306)

Para aqueles que fazem distinção entre a intenção divina e humana, há uma tentativa de estabelecer um vínculo firme entre a intenção de Deus e do autor humano para que a mensagem do profeta do AT permaneça basilar para o cumprimento divino do NT. Esta limitação evita um entendimento arbitrário de cumprimento, que pode ser levantado contra o NT. O obstáculo deles é o que Bock (1985b, p. 307) chama de “a implicação das palavras” à luz do progresso da revelação (S. Lewis Johnson) ou o “sentido definidor das palavras” do autor humano (Elliott E. Johnson).

Já aqueles que enfatizam a perspectiva histórica do uso do AT no NT (*A Escola do Progresso Histórico da Revelação e da Hermenêutica Judaica*) geralmente não

discutem a autoria dupla em detalhes, pois consideram essa distinção já estabelecida. Essa omissão é uma das principais fraquezas da escola histórica.

A partir da avaliação da questão da dupla autoria, Bock (1985b) considera justo resumir o assunto dizendo que Deus escreveu ao Seu povo em um ponto da história e ao Seu povo ao longo do tempo, enquanto o autor humano (e/ou um profeta) escreveu ao seu povo em um ponto da história. Para essa explicação, Bock propõe quatro qualificações sobre a linguagem do autor humano como uma tentativa de descrever várias maneiras que as intenções humana e divina podem ser unidas sem que haja violação do sentido e promessa de uma passagem:

- Em plena consciência humana;
- Na linguagem ideal da própria passagem;
- Em linguagem capaz de expansão do referente em um novo contexto por meio de revelação progressiva;
- Em uma linguagem que envolve um “padrão” de cumprimento, mas com uma compreensão autoral humana incompleta de cada referente no padrão (tipologia profética).

Além disso, Bock (1985b) rejeita uma identificação completa entre a intenção divina e humana, e justifica que existem passagens do AT que a revelação ainda não havia se desenvolvido ao ponto de existir uma compreensão completa por parte do autor humano sobre toda a intenção de Deus. Kaiser tentou lidar com algumas dessas passagens, mas suas explicações não conseguiram convencer a maioria dos estudiosos de que ele estava certo em unir a intenção dos autores humanos e divino, pois não há esclarecimento se o autor humano sempre pretendeu e entendeu todo o sentido e todos os referentes que emerge da promessa no NT.

Diante do debate dessa questão entre as escolas descritas anteriormente, Bock (1985) finaliza o assunto com várias conclusões. Primeiro, ele afirma que limitar o significado de uma passagem somente à intenção humana é muito restrito, por isso, parece necessário considerar uma conexão entre as intenções humana e divina para que a interpretação do cumprimento não se torne arbitrário. Segundo, é possível perceber que a natureza da conexão entre as duas passagens pode se manifestar de várias maneiras,

incluindo uma intenção total do autor, pois limitar isso a um único tipo específico parece colocar uma limitação ao texto que seus fenômenos podem não sustentar.

Em termos gerais, Bock é de acordo com o pensamento da segunda (*A Escola das Palavras de Divina Intenção Humana*) e terceira escola (*A Escola do Progresso Histórico da Revelação e da Hermenêutica Judaica*), as quais afirmam que Deus poderia ter uma intenção maior do que o autor humano, mas nunca às custas do impulso de sua redação. Ele continua dizendo que o cumprimento do NT concordará ou expandirá, por implicação natural, as palavras do autor humano. E quanto à melhor descrição do uso do termo “*sensus plenior*” ou “*references plenior*” ou algum outro termo, ainda deve ser discutido pelos estudiosos após um novo estudo em várias passagens de uma amostra de diferentes autores do NT.

A variedade de relações entre os autores divino e humano naturalmente leva a uma discussão sobre o significado desses textos e o papel da linguagem, isto é, leva a questões semânticas de linguagem e referente.

### 2.2.2 - *Linguagem Referente*

Em geral, as escolas não trataram sobre o assunto de linguagem e referente em detalhes (exceto Elliott E. Johnson, que parece se preocupar com essa questão), e para Bock (1985b), a área ainda precisa de muito estudo, especialmente à luz do fato reconhecido de que as palavras ganham sentido não por si mesmas, mas dentro de seu contexto literário, isto é, da frase, parágrafo e cenário mais amplo em que eles estão contidos. Portanto, o papel do contexto de uma passagem é crucial para determinar o significado da passagem. Para Kaiser, o contexto literário é limitado à revelação antecedente. Para as outras escolas, contexto literário de toda a Escritura deve ser usado. Entretanto é importante refletir que, ao apelar para o toda a Escritura, uma consciência do que é anterior à passagem dada e o que é subsequente deve ser mantido.

Para a discussão desse assunto, Bock (1985b) questiona onde estaria o significado de um determinado texto, se no nível das palavras ou dos referentes, e se há consideração do contexto ou não. Em resposta a isso, ele lista relações de significado-referente que podem ocorrer dentro das Escrituras:

- Referentes de algumas passagens foram feitos mais específicos.

- Os motivos foram reaplicados. Para exemplificar essa afirmação, Bock lembra das imagens do Êxodo que foram reutilizadas, às vezes com mudanças, por Isaías e por alguns escritores do NT. Além disso, ele lembra de Adão que é apresentado como o “Primeiro Adão” de Paulo, uma mudança feita à luz da vinda de Jesus.
- A linguagem que era “terrestre” no AT foi expandida para incluir uma linguagem “celestial”.
- A linguagem figurativa tornou-se literal.

A linguagem literal torna-se figurativa. Por exemplo, cordeiros literais foram sacrificados no AT, mas Cristo era "o cordeiro Pascal" no NT (1 Cor 5:7), e o termo literal “os primeiros frutos” no AT, referem-se (em 1 Cor 15:20) figurativamente aos santos ressuscitados.

Embora exista uma variedade de relações no nível do referente, o sentido básico da passagem é mantido. Mas o que considerar (palavra, frase ou parágrafo) para determinar esse sentido básico da passagem original ainda é um grande desafio para os estudiosos evangélicos. Uma área que obviamente toca neste a discussão é o progresso da revelação, a próxima área de preocupação.

### *2.2.3 Progresso da Revelação*

A principal questão sobre esse assunto é entender quais efeitos a história da vida e ministério de Jesus, especialmente Sua ressurreição e ascensão, tiveram sobre a igreja na compreensão apostólica das Escrituras. A vida de Cristo ajudou os discípulos a entenderem as percepções indefinidas do AT.

É sabido que há duas vindas de Cristo, e ver Jesus como Senhor em alguns textos do AT mostram uma interação entre a vida de Cristo e o AT, na qual a revelação da pessoa ajudou a esclarecer a revelação das Escrituras, mostrando o cumprimento da promessa. A partir daqui os conceitos de padrão e promessa genérica se tornaram úteis, conferindo unidade a todo o plano que aparentemente tinham pontas perdidas. Padrões foram concluídos e as promessas foram cumpridas de maneiras que refletiram uma conexão com as pessoas ou eventos do AT, ou de maneiras que os aumentaram. (Bock, 1985b, p. 311)



Longenecker acertadamente considerou relevante o papel desse fator histórico, ao explicar como os autores do NT enxergaram alguns desses textos como cumprimentos. Em suma, esses autores viram na revelação de Jesus Cristo uma revelação sobre revelação. Diante disso, dois pontos negativos podem surgir àqueles que consideram que essa abordagem rebaixa a profecia, uma vez que a realização completa de uma profecia é limitada ao tempo do seu cumprimento. Primeiro, uma passagem pode não ser reconhecida como uma profecia até o seu cumprimento. Portanto, deve-se distinguir entre o que a passagem declarava inicialmente e se o que foi percebido, mais tarde, era o significado final da passagem. Entretanto, essa distinção não significa que a passagem original não sugeriu o significado profético que o leitor agora entende que tem. Ou seja, somente através do progresso da revelação, pode ser entendido o que ele não pôde compreender originalmente, pois a passagem ou o contexto maior do AT apenas insinuou esse significado. (Bock, 1985b, p. 312)

Em segundo lugar, muitas das passagens do AT que o NT fez referência foram reconhecidas como profecias no judaísmo, mas o referente que as cumpria foi amplamente contestado no primeiro século. A partir do progresso da revelação, os discípulos puderam apontar eventos históricos recentes da vida de Jesus que cumpriam essas passagens, bem como as promessas. Isso é algo que mesmo os escritos de Qumran não podiam fazer com a maioria de suas realizações “peshar”, que ainda olhavam para o futuro. A clara força da proclamação do NT sobre o cumprimento era sua base histórica e textual. (Bock, 1985b, p. 312)

Um aspecto mais controverso da escola de ênfase histórica é o papel da teologia intertestamental judaica e a hermenêutica judaica. Há importância no papel da teologia judaica como estrutura da discussão teológica do primeiro século, mas o uso de termos da teologia judaica no NT não significa, necessariamente, que houve apropriação destes sem que houvesse qualquer mudança. A exegese histórico-gramatical cuidadosa deve traçar este pano de fundo e qualquer modificação dele no NT. Certos desenvolvimentos na teologia judaica podem ter refletido a realidade divina, não porque a teologia judaica como um todo era verdadeiro e confiável, mas porque em certas questões eles expressaram com precisão o desenvolvimento do ensino das Escrituras. (Bock, 1985b, p. 312)

Longenecker considera que as técnicas da hermenêutica judaica aparecem repetidas vezes no NT, entretanto, Bock (1985b) destaca duas indagações que são levantadas sobre o assunto: o quanto a perspectiva desta hermenêutica influenciou as interpretações do NT e quão apropriado é referir-se às citações do NT em termos judaicos (*peshet* ou *midrash*). Com relação a primeira questão, segundo Bock, é justo dizer que as perspectivas da chave hermenêutica da interpretação do NT emergem dos eventos da vida de Jesus ou de perspectivas já presentes no AT. Portanto, de acordo com Longenecker, os elementos principais na abordagem do NT à hermenêutica, não são encontrados na hermenêutica judaica, mas sim na história e teologia do AT e a partir do primeiro advento de Jesus.

Em suma, o papel do progresso da revelação nesta discussão é importante. Entretanto, ênfases erradas podem existir em todos os lados desta questão: negação do significado do AT; negação da influência dos eventos da vida de Cristo na leitura do AT feita pelos autores do NT; e uma identificação excessiva ou pouco clara entre a hermenêutica do Cristianismo primitivo e Judaísmo do primeiro século.

#### *2.2.4 Diferenças entre textos*

Esse é um dos assuntos que a maioria dos evangélicos está mais inteirada. Entretanto, Bock (1985b) expõe dois níveis linguísticos em que há discussão nessa área: histórico-gramatical e semântico. No nível histórico-gramatical, é questionado como os autores do NT citaram uma tradução (*septuaginta*) em lugar do texto original (versão hebraica), uma vez que este é o texto inspirado. Para responder essa questão, Bock primeiramente destaca a característica multilíngue da região da Palestina do primeiro século, o que ocasiona o uso do texto grego por Jesus e pela igreja primitiva, evitando o problema básico do uso da *septuaginta* no lugar do texto original. Uma segunda resposta é o argumento de que quando o texto grego é citado contra o texto hebraico, então, como resultado de evidência do fato, o texto grego representa o texto original ou o que era um texto hebraico original, mas agora perdido.

Outro questionamento é compreender a mudança para o nível semântico, na qual a alteração do texto pode ser vista de várias maneiras. Primeiro, por causa da diferença entre a forma textual (ou seja, qual texto do AT foi utilizado) e contextual (ou seja, que

ponto o texto está fazendo) da passagem do AT utilizada. Segundo, a alteração da redação pode ocorrer claramente e a questão básica acima sobre a origem do hebraico para o texto pode ser respondida positivamente de forma rígida, e ainda assim ser necessário defender a legitimidade da mudança. Portanto, uma mudança pode ser interpretativamente fundamentada em maiores preocupações teológicas bíblicas da história. E terceiro, às vezes o texto pode ser alterado devido a um contexto literário mais amplo, seja em torno da passagem em si ou em torno do tema da passagem, que estava sendo invocado sem citar todos os versículos. Assim, as alterações podem ocorrer nos textos do NT por motivos teológicos bíblicos (se esta teologia bíblica emerge de eventos históricos ou outros textos ou motivos bíblicos) que eram mais amplos do que os versículos citados. A área de diferentes textos é complexa, mas isso não precisa levantar acusações de hermenêutica arbitrária ou de falta de historicidade nas citações. (Bock, 1985b, p. 314, 315)

A partir desse estudo, Bock propôs uma estrutura que fosse uma boa resposta para a complexidade da questão do uso do AT no NT. Essa abordagem foi reflexo conjunto das considerações dessas questões hermenêuticas principais, bem como das contribuições de cada uma das escolas mencionadas anteriormente.

### **2.3 - Sugestão de Nova Abordagem**

Ao final dos seus dois artigos publicados, Bock (1985b) reconhecia que ainda havia muito trabalho a ser feito sobre esse assunto, especialmente na área de semântica, em questões históricas relacionadas ao progresso da revelação, e no tratamento em detalhes de todas as passagens com essas preocupações em mente. Entretanto, ele acreditava que o esboço estrutural que se formou na discussão (quatro abordagens e quatro áreas de preocupação hermenêutica) mostrava uma abordagem satisfatória para o problema, mesmo que ainda precisasse de alguns poucos ajustes.

Os argumentos extraídos do estudo em questão foram quatro: (1) Há uma distinção entre as intenções dos autores divino e humano, mas ambas as intenções estão relacionadas em seu significado básico e que essa relação pode ser combinada. (2) O significado envolve o sentido de uma passagem e não principalmente os referentes de uma passagem, mas a linguagem de uma passagem do AT e seu cumprimento no NT podem ser relacionados em termos de referentes de várias maneiras. (3) O progresso da revelação afeta a

compreensão detalhada das passagens do AT, especificamente em detalhes sobre a conclusão da promessa e dos padrões salvíficos na revelação de Deus. Mas deve-se sempre estar consciente do que foi originalmente entendido pelo autor humano no momento da revelação original e do que Deus revelou em detalhes através da revelação posterior ou por meio de eventos na vida de Jesus. (4) As alterações dos textos do NT e dos textos do AT não foram mudanças arbitrárias para criar um cumprimento no NT, nem reflexos da teologia da igreja posterior recolocada de forma anacrônica nos lábios de Jesus ou da igreja primitiva, pelo contrário, eles refletem considerações teológicas bíblicas precisas dos autores do NT sobre o texto original do AT. O teste desses argumentos é atestar se eles podem ser relacionados a todos os exemplos de textos específicos. (Bock, 1985b, p. 316).

Com o passar dos anos, em 2008, Bock participou de uma obra que contribuiu significativamente para o debate da questão do uso do AT no NT. Nesse livro, ele identificou sua abordagem como “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes.” O entendimento dessa visão é um tanto complexo, mas é possível perceber duas afirmações precisas que Bock usa para resumir, em certo modo, toda sua visão hermenêutica. Primeiro, o contexto original de uma passagem do AT desempenha um papel fundamental para definir parâmetros estáveis de como o texto é usado (significado), mas esse não é o único fator. Além disso, as passagens anteriores se tornam mais claras à medida que surgem novos contextos e revelações, podendo haver, então, “novos referentes”. (Vlach, 2017).

Diante disso, Bock argumenta que há a possibilidade de existir duas maneiras de ler a Bíblia - “histórico-exegético e teológico-canônico”. Apesar de não considerar esses termos apropriados - pois tanto a teologia deve ser exegética quanto a exegese, teológica -, Bock define-os a partir do que é enfatizado nas leituras. Uma leitura que realça o lado histórico exegético está preocupada em discernir o que o autor original quis dizer para um determinado audiente em uma situação histórica específica. Já em uma leitura teológica-canônica, o progresso da revelação pode representar uma passagem anterior com esclarecimento e desenvolvimento maior do que o autor original poderia ter compreendido. Assim, a partir da necessidade de harmonizar os dois tipos de leitura, a proposta é de uma abordagem com ambas as perspectivas para solucionar as dificuldades do uso do AT no NT, em sua maioria. (Lunde&Berding, 2008, p.116).

### 3 - OBSERVAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM DE BOCK

Essa abordagem eclética é vista em certa medida como um ponto forte por alguns estudiosos, pois, reconhecendo a complexidade do assunto, procura englobar o melhor das outras visões hermenêuticas na tentativa de explicar todos os usos do AT no NT.

Moo (1986) comenta um pouco sobre pontos positivos das abordagens de Kaiser, de *Hermenêutica Judaica* e *Sensus Plenior*, e admite ser “extremamente favorável” à abordagem de significado único de Kaiser, atestando que este fez um bom trabalho ao aplicar sua chave hermenêutica em alguns textos. Com relação aos princípios do Judaísmo, Moo (1986) também afirma " [...] não pode haver dúvida de que o Novo Testamento frequentemente utiliza técnicas de citação que são bastante semelhantes às práticas amplamente ilustradas em fontes judaicas do primeiro século."

Ao *Sensus Plenior*, Moo (1986) escreve: “Não é claro, então, que as objeções usuais feitas contra a ideia de *sensus plenior* são convincentes. Não parece haver nenhuma razão convincente para rejeitar a hipótese. Por outro lado, há razões para hesitar antes de abraçá-lo como uma explicação abrangente dos usos 'problema' do Antigo Testamento no Novo.” Moo (1986) também diz: “Pode ser que algumas citações sejam melhor explicadas de acordo com o modelo *sensus plenior* tradicional: por apreensão direta e inspirada, os autores do Novo Testamento percebem o significado de um texto ali colocado por Deus, mas desconhecido para o autor humano”. No entanto, mesmo esse significado é “compatível com o significado pretendido pelo autor humano.”

Esses comentários têm muita similaridade com algumas observações feitas por Bock e parecem apontar para uma visão eclética (como a de Bock), considerando em grande estima a canonicidade da abordagem, uma vez que nem todos os usos do AT podem ser explicados pela hermenêutica histórico-gramatical. Moo observa:

[...] é melhor pensar que os autores do Novo Testamento leram o texto contrastando com todo o escopo da revelação no pano de fundo, preservado no Canon em desenvolvimento. O significado pretendido pelo autor humano em algum contexto em particular pode ter um significado ‘mais completo’, desenvolvido legitimamente de seu significado a luz do contexto canônico final. (Moo, 1986, p. 210).

Blomberg (2009) fez uma revisão do livro “*Três visões sobre o uso do Novo Testamento no Antigo Testamento*” e ao comentar o capítulo de Bock em comparação com os de Kaiser e Peter Enns, ele afirmou: “Como é frequente em casos com pontos de vista teologicamente mediadores, Bock parece ter o melhor deste 'debate'.” Além disso, ele finaliza seu artigo criticando a ausência do reconhecimento da possibilidade das três abordagens estarem corretas em alguma medida, cada uma para diferentes textos, mas acrescenta que “[...]se eu tivesse que escolher uma abordagem para seguir na maioria das vezes, teria que optar por Bock.”

Vlach (2017) considera a questão do uso do AT no NT muito complexa e carente de mais estudos, mas reconhece que quando se há complexidade no assunto, deve ser considerado a possibilidade de haver uma harmonização de pontos de vista, assim como Bock fez. Ao comentar a abordagem de Bock em seu trabalho ele afirma a necessidade de aprofundamento no assunto, portanto, não descarta que possa ser uma sugestão útil “[...] é possível combinar certas visões que resultam no que poderia ser chamado de uma abordagem eclética.” É também interessante notar que Vlach avalia negativamente visões – que já foram classificadas por Bock como falhas em alguns pontos – em que a hermenêutica para a questão do uso do AT no NT não se mostra coerente com o sistema teológico dos aderentes:

Não estou ciente de nenhum aliancista que sustentaria o significado único de Kaiser. Por outro lado, seria difícil para um dispensacionalista adotar a abordagem de Longenecker e Enn, uma vez que esta posição faz uma desconexão muito forte entre o significado do AT e o cumprimento do NT. O mesmo é verdade para a posição de reinterpretação. Essas posições parecem descartar as expectativas literais [...], que são importantes para os dispensacionalistas. (Vlach, 2017).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da exposição feita, pode-se concluir que o trabalho contribui para um conhecimento e apresentação mais simples e objetiva da abordagem hermenêutica de Darrell L. Bock como alternativa relevante para o complexo e importante assunto do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.

Foi possível perceber que no entendimento de Bock há um sentido (um princípio básico ou assunto) em que o significado é fundamental para o texto, e ele pode ser

claramente manifestado. O que pode mudar é aquele para o qual o significado se aplica, que linguisticamente, essa mudança de significado está associada com o que é chamado de referente, uma vez que um novo contexto muitas vezes significa novo referentes. No entanto, nessa aplicação posterior de significado, o significado original ainda está em ação e desenvolvimento. Além disso, uma vez que o significado adicional se torna claro, esse significado posterior pode refletir de certa forma no texto anterior para dar-lhe uma nova compreensão. Todo esse desenvolvimento é a função de múltiplos contextos trabalhando com o significado, um fator que impacta a força teológica e a aplicação do significado textual, dando a este uma adicional profundidade.

Então, para Bock, tudo isso tem implicações em como se lê o AT uma vez que o NT chegou. Para ele, a leitura de ambos os contextos é legítima. E essa leitura não é singular, mas múltipla, dependendo de qual contexto está em vista. Obviamente, a leitura emergindo do NT é mais abrangente, mas os significados do AT permanecem relevantes, exceto quando o NT completa o significado, tornando uma substituição completamente clara.

Além disso, Bock acredita que algumas das categorias relacionadas à promessa são temporais à medida que os textos visam o futuro e estão se desenvolvendo, e o autor divino da promessa continua a falar e agir conforme se avança pela era do AT e se entra na era da realização em Cristo. Deus se compromete com o que fará em promessas que são estáveis para aqueles a quem foram originalmente dadas. No entanto, tal estabilidade não significa que ele não possa entrar em cena mais tarde e expandir o escopo de seus compromissos e bênçãos.

Portanto, o uso do AT no NT envolve uma interação complexa entre a hermenêutica, o tempo da leitura, a história e o desenvolvimento de preocupações canônicas teológicas. É uma área rica de estudo e reflexão, e quando dada a devida atenção aos contextos históricos, pode ser capaz de dar mais sentido em como tudo está encaixado, por isso, a proposta da abordagem de Bock, que realça a importância tanto exegética quanto teológica da leitura bíblica, se apresenta como solução para a grande maioria dos problemas que surgem a partir das aparições do AT no NT.



## REFERÊNCIAS

- BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação.** Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BLOMBERG, C. **Craig Blomberg's review of "Three Views on the New Testament Use of the Old Testament" edited by Kenneth Berding and Jonathan Lunde.** Denver Seminary, Fevereiro, 2009.
- BOCK, D. L. **Part 1 Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New.** Bibliotheca Sacra. BSAC 142:567 (jul 1985a): p.209-220.
- BOCK, D. L. **Part 2 Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New.** Bibliotheca Sacra. BSAC 142:568 (oct 1985b): p.306-316.
- DEAN, R. D. **Evangelical Hermeneutics and the New Testament Use of the Old Testament.** Editora: Veritypath Publications, 2009.
- LUNDE, J.; BERDING, K. **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament.** Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 2008.
- MOO D. J., **The Problem of Sensus Plenior, em Hermeneutics, Authority, and Canon.** Editores: D. A. Carson and John D. Woodbridge. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 179– 211
- OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica – uma nova abordagem à interpretação bíblica.** SP: Vida Nova, 2009.
- THOMAS, R. L. **The New Testament Use of the Old Testament.** The Master's Seminary Journal 12/1 (Spring 2002): p.79-98.
- VLACH, M. J. **How Does the New Testament Use the Old Testament? A Survey of the Major Views.** Theological Studies Press, Los Angeles, California. Edição do Kindle, 2017.
- ZUCK, R. B. **A interpretação bíblica – meios de descobrir a verdade da Bíblia.** SP: Vida Nova, 1994.